

Giving and Taking Offence

Ofender e ser ofendido



Edited by / Sob a coordenação de
Anthony David Barker



Giving and Taking Offence

Ofender e ser ofendido

Giving and Taking Offence

Ofender e ser ofendido

Edited by / Sob a coordenação de
Anthony David Barker



UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Departamento de Línguas e Culturas
2008

Ficha Técnica

TÍTULO

Giving and Taking Offence – Ofender e ser ofendido

COORDENADOR

Anthony David Barker

PAGINAÇÃO

Paulo Oliveira
[PMP]

FOTOGRAFIA DA CAPA

Propriedade de Anthony David Barker

IMPRESSÃO

Imprensa de Coimbra, Lda.

EDIÇÃO

Universidade de Aveiro
Campus Universitário de Santiago
3910-193 Aveiro

TIRAGEM

400 Exemplares

ISBN

978-972-789-263-1

DEPÓSITO LEGAL

274732/08

© ABRIL 2008, UNIVERSIDADE DE AVEIRO

ÍNDICE / TABLE OF CONTENTS

Introduction – <i>Anthony Barker</i>	7
‘Yo Blair!’: tales of outrage and national subservience – <i>Stuart Price</i>	11
Duels and Duellists: Joseph Conrad and Taking Offence to the Grave – <i>Anthony Barker</i>	25
“For no other offence but proximity”: <i>Stuff Happens to The Queen</i> – <i>R Scott Fraser</i>	35
What’s so offensive about Stanley Kubrick’s <i>A Clockwork Orange</i> ? (besides violence, sexual explicitness, misogyny...) – <i>Andreia Sarabando</i>	47
<i>Borat: Cultural Learnings and the Polymorphously Offensive</i> . – <i>Anthony Barker; Paulo Oliveira</i>	59
<i>Little Britain</i> on the offensive: what lies at the boundary of taste in contemporary British televised comedy. – <i>Nicolas Hurst</i>	73
Giving, Giving Back, Taking, and Talking About Racial Offence in U.S. Media – <i>Carole Gerster</i>	81
Offensive Representations of the Japanese in Recent Hollywood Film – <i>Susana Raquel Ferreira Marques</i>	93
The Rhetoric of Exclusion: The Portuguese Reaction to Donald R. Taft’s <i>Two Portuguese Communities in New England</i> – <i>Reinaldo Francisco Silva</i>	101
When icebergs melt... A look at European identity today – <i>Gillian Moreira</i>	109
<i>White people in fur coats versus dark-haired and exotic</i> : a study of Polish-Portuguese flattery and offence – <i>Danuta Gabrys-Barker</i>	123
Seeing Offence, Speaking Offence, Translating Offence – <i>Susan Howcroft</i>	139
Tom Between Two Cultures: Labelling and offending – <i>Margaret Gomes and Gillian Moreira</i>	149
Immigrant or Citizen? That is the Question – <i>Georgina Hodge</i>	167
Offending the Offender? The role of tourism literature in the dialogue between host and visitor – <i>Tim Oswald</i>	177
A Puzzle of Identities: Cultural Misunderstandings in Tourism – <i>Joana Margarida Ribeiro and Gillian Owen Moreira</i>	189
How not to Give Offence in the Chinese Marketplace – <i>Tian bo Li and Gillian Owen Moreira</i> ,	199

“Não há fumo sem ...caluniador!”- Rumor e Calúnia: da Psicossociologia à reflexão Ética – <i>Maria Manuel Baptista</i>	219
A Lógica Ofensiva nas Práticas Anticlericais – <i>Luís Machado de Abreu</i>	219
Peço desculpa...estava a escrever só queria incomodar...Dá-me licença? – <i>Maria Hermínia Amado Laurel</i>	225
As ofensas de Michel Houellebecq: mecanismos e agentes – <i>Corina da Rocha Soares</i>	239
<i>Com um eu esbravejo, em outros mango: Bocage e os sócios da Nova Arcádia</i> – <i>Raquel Teixeira Filipe</i>	253
Pascoaes e Sérgio ou “o rouxinol e o peixe” – polémicas e tensões ensaísticas n’A Águia – <i>Andre Manuel Ruivo Senos Matias</i>	267
Ofensores e ofendidos: consequências dos excessos humanos no <i>Hipólito</i> de Eurípidés – <i>Helena Vasconcelos</i>	281
“Rondônia, Portal da Amazônia, Terra de Migrantes” – O Preconceito Linguístico como instrumento para Ofender e ser Ofendido – <i>Maria do Socorro Pessoa</i>	293

“NÃO HÁ FUMO SEM ... CALUNIADOR!” - RUMOR E CALÚNIA: DA PSICOSSOCIOLOGIA À REFLEXÃO ÉTICA

MARIA MANUEL BAPTISTA¹

Universidade de Aveiro

“Não compreendo porque se servem os homens da calúnia.
Se queremos magoar alguém basta dizer sobre ele uma
qualquer verdade”.
F. Nietzsche

“A lógica mental do público é explícita:
para ele, por detrás de todo o fumo existe sempre uma verdade.
Sabendo disso, os estrategas retiraram daí uma regra de acção bem
conhecida:
caluniai, caluniai, sempre aí ficará alguma coisa”.
J-N. Kapferer

No presente estudo propomo-nos tratar o rumor e a calúnia numa perspectiva interpretativa e compreensiva, buscando detectar os mecanismos que podem lançar alguma luz sobre as motivações psicossociais e culturais presentes no modo de funcionamento destas formas, frequentemente ofensivas, de contaminação e manipulação da opinião partilhada por um grupo, organização, sociedade ou cultura. Para além disso, apresentamos ainda as linhas fundamentais da reflexão desenvolvida a este propósito nos domínios da ética, da moral e até da cidadania.

Compreender-se-á que a investigação neste domínio seja tanto mais escassa quanto se trata de um fenómeno fluído, cuja origem é difícil de detectar, até porque nasce com a marca do segredo e da ambiguidade, reclamando, simultânea

¹ Toda a correspondência sobre este artigo deve ser enviada para Maria Manuel Baptista, Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 3810 Aveiro, Portugal, ou para o seguinte endereço electrónico: mbaptista@ua.pt

Comunicação apresentada no âmbito do Congresso Internacional “Ofender e Ser Ofendido”, Aveiro, Centro de Línguas e Culturas, 21 e 22 de Junho de 2007.

e paradoxalmente, discrição e publicidade. Acresce ainda que o seu tempo de disseminação é normalmente curto e os investigadores chegam quase sempre tarde, restando-lhes tão só reconstruir mecanismos, processos e recordações que os sujeitos possam fornecer de forma difusa e já muito indirecta.

Começemos por sublinhar que poucos são os fenómenos da nossa vida cultural, social ou individual que atestam de forma tão notória, e por vezes até violenta e cruel, o poder da palavra. Rumor e calúnia, apesar de relevarem de mecanismos diferentes e terem características diversas como veremos, têm em comum algumas dimensões. A primeira delas é que ambos os fenómenos radicam na capacidade de o ser humano usar de espírito crítico para reflectir sobre o que o rodeia. É, pois, natural que não acredite de forma imediata em tudo o que se lhe apresenta e que possa desconfiar, supor e mesmo usar da suspeição para interpretar a realidade. Este facto natural, profundamente humano, racional e inteligente, encontra-se legitimado se considerarmos ainda que toda a realidade é por natureza equívoca e ambígua, desde os acontecimentos mais objectivos até aos discursos sobre os outros, o próprio ou o mundo.

Ora é nestas duas vertentes incontornáveis da vida, a ambiguidade do ser humano e do que o rodeia e o espírito crítico que lhe é próprio, que se fundarão o rumor e a calúnia, apenas que ambos se aproveitam do lado sombra e tenebroso destas dimensões da natureza humana. Na verdade, em ambos os casos do que se trata é de um exercício de convencimento de outrem tendo por base uma verdade não verificada, que se funda exclusivamente num exercício de interpretação, frequentemente fantasioso e imaginativo, onde se misturam factos e pseudo-factos, putativos discursos ou palavras soltas efectivamente proferidas, ambíguos actos, opiniões infundadas e até suposições contaminadas pela ficção literária. Por fim, e para que o rumor e a calúnia se espalhem de forma rápida e eficaz é necessário ainda que esteja presente uma outra característica de índole psicossocial, a saber, uma certa dose de ansiedade, incerteza e insegurança partilhada e vivida em determinado momento por um grupo. O rumor e a calúnia servirão assim, e em primeira instância, para exorcizar os medos, antecipar reacções a eventuais acontecimentos futuros vistos como ameaçadores, mas também aumentar a coesão do grupo dando a cada um a confortável e securizante sensação de pertença a um todo social.

Mas as semelhanças entre o rumor e calúnia terminam por aqui e convém mesmo separar a sua análise, pois trata-se de domínios que requerem uma instrumentação teórica algo distinta: enquanto o rumor tem um alcance nitidamente sociológico e psicossocial, pois trata-se normalmente de algo que se enraíza na própria vida do grupo, revelando uma situação de profunda ansiedade social e tendo, por isso, um âmbito e alcance eminentemente sociológico e político, a calúnia, apesar de relevar de um terreno que também é o do grupo, por que se dirige a um alvo em particular procurando especificamente visá-lo na sua reputação individual, deve ser compreendida preferencialmente no âmbito do relacionamento interpessoal e como produto não só da ansiedade social, mas

de algo mais poderoso que é do domínio da psicologia e até da ética e da moral: falamos dos sentimentos de raiva e de vingança².

Compreende-se deste modo que na reflexão que se segue a calúnia, enquanto atitude de ressonância individual, produto essencialmente de uma vontade e racionalidade subjectivas em face do seu semelhante seja abordada preferencialmente no âmbito da disciplina filosófica que é a Ética, enquanto o rumor de origem e funcionamento social e grupal, ultrapassando em muito a determinação das consciências individuais e morais que o compõem, não possa senão ser abordado do ponto de vista de uma Psicossociologia ou Sociologia compreensiva que chega a encontrar-se com o domínio das mitologias colectivas.

1. O Rumor

1.1. 'Mercado negro' da informação e contra-poder

O rumor, ou o 'boca-a-boca' distingue-se imediatamente da calúnia pois o seu centro não são propriamente os juízos de ordem moral. Por outras palavras, enquanto a calúnia se define sempre, em primeira instância, por um acto (i)moral, o rumor caracteriza-se por um outro conjunto de dimensões onde o mais importante não é o seu valor moral ou cognitivo mas o seu valor político, expressivo e até terapêutico. Normalmente os rumores surgem em época de grande instabilidade e insegurança³, desencadeando situações de pânico que menos têm a ver com uma noção objectiva da realidade do que com o estado de um dado grupo e da situação psicossociológica e cultural da época (cf. Morin, 1969).

A melhor maneira de compreender um rumor também não é, ao contrário do que se pensa, indagar da sua origem, quer dizer, procurar saber de que sujeito partiu, quem foram os primeiros a fazer eco dele, etc. A investigação mais recente sublinha, pelo contrário, que histórias mais ou menos fantasiosas são inventadas todos os dias por sujeitos pertencentes aos mais variados grupos e com os mais diversos interesse e, no entanto, não **chegam** a tornar-se rumores, morrendo à nascença, não passando de 'boca-em-boca'. Para isso é necessário que a história que o rumor veicula (verdadeira ou falsa, bem ou mal intencionada na sua origem) tenha algumas características, de modo a que um grupo a transforme em rumor. Entre essas características destaca-se o facto de a história ter de veicular informação nova e sobre a actualidade apelando à crença, convencendo efectivamente as pessoas, se não da sua verdade, pelo menos da sua forte plausibilidade.

Como muito bem sublinha Kapferer, "o rumor não precede a persuasão, mas é a sua manifestação visível. O rótulo de 'informação' ou de 'rumor' não é

² Não distinguiremos aqui, na linha da investigação mais recente, a injúria, da calúnia, da difamação, etc. Trata-se, na verdade, de encontrar múltiplas subdivisões num fenómeno que afinal tem uma forte unidade, quer nos seus propósitos quer nas suas dinâmicas e funções.

³ Sublinhe-se que a mais forte probabilidade de surgirem rumores reside em situações de ansiedade social (por exemplo, numa situação de guerra) ou ansiedade organizacional (por exemplo numa situação de ameaça de desemprego).

atribuído antes de se acreditar ou não acreditar: é sua consequência” (Kapferer, 1995: 23).

De entre os processos típicos que desencadeiam o rumor contam-se as confidências, os testemunhos, um acontecimento perturbante, mitos latentes (entre eles, os mitos urbanos), histórias exemplares, malentendidos, manipulação, etc. Em qualquer dos casos funciona sempre de forma latente o provérbio popular de que “não há fumo sem fogo”. Acontece que a investigação tem demonstrado que este fogo existe efectivamente, mas é essencialmente paixão e imaginação fértil de testemunhas, informadores e até caluniadores, energia que em dado momento, por razões específicas, mobiliza todo um grupo que se põe a repetir uma história.

Em qualquer caso a suposição e a desconfiança são o húmus do rumor. Os especialistas em teatros de guerra sabem-no bem e procuram que a informação oficial controle todo o espaço público informativo, evitando ao máximo qualquer rumor que contrarie a versão oficial dos acontecimentos (neste caso o rumor pode ter o papel político da contra-informação e mesmo de contra-poder, como aqueles que circulam por vezes na Internet ou por SMS, procurando formar movimentos de opinião pública e de cidadania não controlados pelos poderosos *media*).

Na verdade, o ‘diz-se que...’ é sempre um ‘não-dito’ oficial e por isso mesmo implica uma relação ao poder e à autoridade, desvelando segredos, sugerindo hipóteses, obrigando as autoridades a falar e a produzir desmentidos oficiais, que por vezes não têm qualquer efeito. Compreende-se, por isso, que todo o sistema político totalitário se esforce em permanência por controlar o espaço informativo, evitando que o rumor se forme espontaneamente, o que raramente consegue. Compreende-se, igualmente, que o rumor consista no “colocar em comum os recursos intelectuais de um grupo para encontrar uma interpretação satisfatória de um acontecimento” (Shibutani, 1966:137). Trata-se portanto da voz do grupo, de uma acção colectiva que consiste num duplo processo: de dispersão de informação e de interpretação e comentário de um acontecimento (real ou imaginário). A evolução do conteúdo do rumor consistiria não em distorções de memória, mas no acrescentar constante de novos comentários e apreciações.

Retenha-se, porém, o essencial: em qualquer caso o rumor só se forma quando um grupo social considera o acontecimento nele veiculado como importante (por vezes de maneira muito indirecta e até inconsciente) e simultaneamente de significação ambígua⁴. Assim, onde quer que as pessoas desejem compreender algo que lhes pareça importante, lhes diga respeito e não haja respostas claras, mas apenas informação ambígua nasce o rumor, quer dizer uma espécie de “mercado negro da informação” (Kapferer, 1995:19).

Nas organizações o rumor tem uma dinâmica específica: trata-se quase sempre de um segredo que urge passar rapidamente em cadeia, por vias paralelas às oficiais e burocráticas, através do qual cada indivíduo informador ganha

⁴ Pelo contrário, se a importância é nula e o acontecimento pouco ambíguo o grupo não se mobiliza em torno daquela história e não surge o rumor.

prestígio social, proporcional ao interesse que o grupo atribui à informação revelada. Deste modo se antecipam acontecimentos, se preparam reacções e resistências, se obriga a desmentidos, sendo por vezes os próprios gestores que injectam rumores de modo a manipularem pelo medo e coacção os funcionários. De qualquer forma, o controlo tanto destes rumores como da informação oficial são hoje meios preciosos na gestão moderna.

1.2. O 'passa-palavra' do rumor

Um rumor, uma vez posto a circular, não é mais controlável e, por vezes, os desmentidos oficiais ainda lhe insuflam nova vida. Em especial quando o rumor corresponde a um estereótipo social ou a um medo estabelecido na sociedade ele é praticamente permanente, podendo desaparecer por algum tempo, para logo voltar. À 'boca pequena' dir-se-á: *'se non è vero, e bene trovato!'*

Uma revisão da literatura existente nesta área indica que o rumor para se disseminar tem de contar uma história ou referir um acontecimento que seja (ou pareça ser) uma novidade, algo expectável, mas insólito ou pouco vulgar. Como muito bem sabem os homens dos *media*, o título "o cão mordeu o homem" não faz notícia, mas se invertemos os termos e dissermos "o homem mordeu o cão" já estamos face uma história que, para além de ter um fundo pragmático se destina a divertir, surpreender e excitar o leitor que vai repetir esta história e partilhar com os outros a sua emoção.. Este é já o mecanismo do rumor⁵: a informação deve ser inesperada e perturbadora da ordem normal das coisas, tem de ir ao encontro das esperanças, crenças e temores mais ou menos conscientes de quem ouve e ter consequências imediatas e importantes para o grupo. De forma clara ou encapotada, o rumor tem de trazer um alerta de um qualquer perigo para o grupo.

Em segundo lugar, a informação dissemina-se porque repetir o rumor é um acto de participação e adesão ao grupo: através do rumor impõe-se a conformidade ao grupo nos modos de produção da verdade.

Para outros, transmitir o rumor é participar numa espécie de jogo argumentativo em que o poder de persuasão do rumor (que na verdade depende da adequação deste aos receios e ansiedades do interlocutor) se confunde com o seu próprio prestígio social ('se acreditam em mim é porque eu tenho razão e sou uma fonte credível'). Há ainda quem transmita o rumor por achar 'divertido', objecto de curiosidade e surpresa, visando, normalmente através do humor, obter um efeito poderoso sobre o grupo, ao mesmo tempo que liberta material recalcado, num mecanismo semelhante ao da anedota, mas que difere deste por se pretender estar a contar uma história absolutamente real, com pormenores concretos de hora, lugar, etc. Sublinhe-se que quem veicula o rumor joga um papel de grande prestígio, pois fornece informação rara e de valor, tem a atenção

⁵ Optámos aqui por não abordar sequer a temática da relação entre o rumor e os *media* que, especialmente em Portugal, são estudos absolutamente necessários. De qualquer forma, sublinhemos o quanto a investigação aponta para o facto de os *media* não distinguirem frequentemente informação de rumor, contribuindo para disseminar, e mesmo criar, os rumores.

do grupo e o seu apreço, tornando-se o elemento melhor informado, aquele que passa a estar no centro dos acontecimentos, o que está mais além...portanto, detentor de um poder socialmente reconhecido. A certeza e o prazer de lançar a confusão no espírito dos seus ouvintes espantados explica a fantástica persistência de certos rumores através do tempo, tornando-se alguns destes aquilo que Kapferer designa por "uma grande pastilha elástica colectiva para servir depois de uma boa refeição" (Kapferer, 1995:68).

Por vezes o rumor dissemina-se porque as pessoas não tendo fortes relações pessoais desejam colocar-se rapidamente ao nível de uma relação emocional não se expondo pessoalmente, mas usando para isso o rumor sobre alguém ou algo conhecido de ambos: é o caso das conversas de cabeleireiro, de corredor ou de sala de espera que permitem de imediato comentários morais, opiniões pessoais e reacções emocionais. Deste modo defende-se o ego próprio e apresenta-se apenas uma espécie de super-ego moralizante, evitando-se a banalidade de se falar do tempo, da chuva e do frio...Nesta situação, cada um de nós torna-se num pequeno jornalista de notícias sensacionalistas, alarmistas e de escândalo.

Finalmente, sublinhe-se que o rumor também se dissemina porque permite a libertação de tensões ansiogénicas, sobretudo quando alguém nos assegura que as coisas não podem ser bem assim ou que 'isso não é possível!'. Mesmo quando tal não acontece, a simples adesão do grupo ao rumor ansiogénico torna-o um problema colectivo, diminuindo assim o seu carácter ameaçador para o indivíduo.

De fundas ressonâncias filosóficas e culturais (referimo-nos, muito particularmente, à Cultura Portuguesa) é ainda o facto de o rumor florescer em situações e meios de forte censura moral por permitir a mais livre expressão das pulsões reprimidas e até inconfessáveis de cada um. Na realidade, "o rumor é uma carta anónima que cada um pode escrever com toda a impunidade" (Kapferer, 1995: 68).

2. A calúnia

2.1. Suspeição e comunicação

A pseudo-legitimidade da calúnia começa por se apoiar no facto de nem todos os sujeitos estarem sempre de boa-fé e ser natural admitir que há uma distância entre a esfera pública e a esfera privada do indivíduo. É precisamente nesse hiato (que naturalmente terá de existir sempre, pois a plena transparência e publicitação de todos os actos levaria à eliminação da intimidade) que a calúnia penetra, usando o processo não só da suposição mas imediatamente da suspeição.

A suspeição encontra sempre o seu campo de ancoragem na distância que em qualquer sujeito existe entre a pessoa e a personagem. Quando esta distância ou hiato surge como complexo ou ambíguo, a pretensa legitimidade da suspeição sobre essa pessoa aumenta de imediato. Pode mesmo dizer-se, como regra geral, que quanto mais complexo, multifacetado e subtil é um ser humano mais se

presta a ser objecto de suspeição, tanto no que faz como no que diz, e por isso mais sujeito está à suposição de se encontrar de má-fé.

Se no meio social e político a suspeição pode ser até positiva por revelar perspicácia e espírito crítico, a verdade é que no domínio das relações interpessoais ela é catastrófica por minar toda a confiança, desacreditar toda a palavra, que se transforma de imediato em 'contra-palavra'.

Excluindo a mentira como um caso limite e excepcional do uso da palavra, todo o discurso humano contém em si um esforço do sujeito para se apresentar ao Outro de forma aceitável e ordenada, organizando uma imagem de si próprio que seja socialmente reconhecida. Ora, a suspeição sobre este discurso nega ao Outro o seu esforço e desejo de renascimento de um outro eu, reduzindo o indivíduo à pura exterioridade de um eu público, normalmente encerrando-o num qualquer momento do passado. Com efeito, a suspeição arruína a imagem do que o sujeito legitimamente queria ser, não permitindo ou dissolvendo mesmo a difícil elaboração do eu, banalizando a catarse que tornou possível o discurso.

Na verdade, se cada sujeito tivesse de depurar em si todas as suas paixões e tendências antes de poder falar ou apresentar-se socialmente, não o faria nunca. O discurso do sujeito é sempre vinculação ao melhor que há no próprio: todo o esforço ético consiste precisamente em construir-se como sujeito, bloqueando componentes que podem não desaparecer, mas que devem ficar sob vigilância do próprio, de modo a que valores eticamente superiores possam emergir. Ora, o trabalho sistemático de suspeição destrói este projecto de ser, ou antes, de tornar-se pessoa. Na verdade, como defende Mehl, "a era da suspeição é sempre a era do desprezo pela pessoa" (Mehl, 1971:60)⁶.

Mas a suspeição sistemática sobre o outro tem ainda efeitos mais devastadores, pois impede a própria comunicação e até mesmo a relação. Se de cada vez que falo as minhas palavras são substituídas por outras, supondo que elas escondem um segredo que se lhes encontra subjacente (que provavelmente existe, pois ninguém se pode expor completamente em todas as circunstâncias) então só há um modo de restaurar a relação e que consiste em assumir claramente, através de um diálogo franco, que a relação está tocada e negativamente afectada pela suspeição. Só deste modo o contacto interpessoal pode retomar o domínio da ética quer dizer, da liberdade do Outro e da possibilidade da sua autodeterminação.

O problema é que numa sociedade em que muita da comunicação se faz através dos *media* ou os usa como seu modelo, o diálogo torna-se difícil ou mesmo impossível, uma vez que neste quadro comunicacional cada um está impedido de colocar questões ou partilhar as suas dúvidas. Daí que a suspeição seja a característica primeira do relacionamento interpessoal nas sociedades actuais, compreendendo-se finalmente porque se torna tão difícil o diálogo⁷.

⁶ A suspeição sobre o Outro e o seu carácter moral apresenta ainda como característica essencial relegá-lo constantemente para o seu passado, negando o futuro e a possibilidade. Em última instância trata-se de negar a própria liberdade.

⁷ Foi precisamente por este motivo que a suspeição se tornou uma atitude de defesa natural sistemática dos sujeitos racionais dotados de espírito crítico nas sociedades contemporâneas mediatizadas.

2.2. Calúnia e rede de caluniadores

A diferença entre atitude de suspeição e calúnia é, de facto, de índole ética e moral: enquanto na suspeição o indivíduo encontra-se de boa-fé, na calúnia o sujeito está de má-fé, quer dizer, propaga agora entre terceiros as suas próprias suspeições, tomando geralmente a forma de uma 'confidência' que o outro supostamente deveria guardar, mas que na realidade se destina a ser disseminada. A passagem para o domínio da imoralidade verifica-se no momento em que o caluniador, ao comunicar a calúnia, transforma a sua suspeição numa 'certeza' com o carácter de informação 'confidencial'.

A suspeição na forma de 'confidência' terá ainda uma força acrescida, pois a pessoa escolhida para receptora do 'segredo' sentir-se-á valorizada por ter sido eleita, honrada mesmo, e normalmente por vaidade fará por aumentar a importância da 'confidência'.

Outro aspecto que normalmente está presente no processo da calúnia, e reforça os seus efeitos, consiste em fazer passar a sua própria suspeição como se se tratasse de um rumor generalizado, tomando a forma do 'diz-se por aí que fulano.....' (processo muito utilizado nos *media* actuais quando, por exemplo, se referem a 'fontes bem informadas...'). O processo torna-se ainda mais subtil e perverso quando o caluniador acrescenta 'eu por mim duvido.', colocando-se frequentemente o seu interlocutor na posição de convencer o próprio caluniador sobre a legitimidade da suspeição acabada de lançar por este. Tal como Mehl sublinha, o momento de vitória final do caluniador revela-se quando este interroga o seu interlocutor: 'Acreditas mesmo nisso? Seria demasiado terrível...' (Mehl, 1971: 64).

Desenvolve-se assim uma espécie de co-autoria na elaboração da calúnia, que deste modo sai reforçada, pois fica anulada qualquer possibilidade de o Outro contradizer o caluniador, tornando-se o receptor no defensor primeiro da calúnia, não hesitando posteriormente em divulgá-la e defendê-la como se fosse sua. Cria-se, deste modo, uma rede secundária de caluniadores que protege e esconde o caluniador principal, o qual, usando este circuito longo, não necessita de enfrentar directamente o seu adversário, bastando apenas caluniá-lo. Já quanto aos que repetem a calúnia, também eles se sentem de certo modo desresponsabilizados, pois consideram estar apenas a repetir uma ideia ou história (por vezes de modo dubitativo) que eles próprios não inventaram.

Mesmo quando a calúnia não passa de 'boca-em-boca', a verdade é que a suspeição sobre aquela pessoa fica sempre lançada sem que o seu alvo a conheça ou possa dela defender-se: ainda assim os objectivos do caluniador foram de algum modo atingidos. Este é outro dos aspectos de funda imoralidade no processo da calúnia porque, em primeiro lugar, todo o sujeito é vulnerável, e depois porque implica um processo sem saída para o caluniado: se se defende dir-se-á que foi tocado num ponto sensível; se não se defende ver-se-á no seu silêncio uma confissão ou uma impotência. Faça o que fizer nunca se poderá livrar completamente da calúnia, nem mesmo pela via judicial, pois dir-se-á sempre que 'não há fumo sem fogo!'. Na realidade, "a crença popular neste provérbio tem sido a via real de manipulação por parte do caluniador" (Kapferer, 1995:59).

Outra das dimensões que atesta com clareza a imoralidade da calúnia é o estatuto de extremo conforto em que se coloca o caluniador, por oposição à difícil situação do caluniado: o caluniador pode converter-se em acusador se lhe convier ou, se tal for possível, manter-se no anonimato, magoando o próximo e escolhendo uma arma com a máxima eficácia, mas sem se expor ou comprometer pessoalmente.

Repare-se, porém, que o caluniador se apresenta aos seus pares como um defensor da 'verdade', a qual vai ganhando cada vez maior legitimidade se ouvida repetidamente na boca de outrem: uma mentira mil vezes repetida torna-se verdade, pelo menos socialmente!

2.3. Calúnia: um projecto de 'terra queimada'

Como muito bem sublinha a reflexão Ética, o projecto da calúnia é esmagador e destina-se a ferir o Outro. Na calúnia é a maldade e a raiva que se expressam, não através dos meios mais brutais da violência física (que expõe mais o agressor), mas através de uma violência verbal, calculada e fria, escolhendo confidentes que sabe que criarão em torno da sua vítima um ambiente de profunda hostilidade, com o qual será muito difícil viver. Trata-se quase de uma política de 'terra queimada' no que respeita à vida social do caluniado.

Na verdade, os estudos psicossociológicos apontam para o facto de a calúnia resultar de um processo de compensação: muitos caluniadores, tomados por sentimentos de vingança, são ou foram eles próprios vítimas de injustiças e violências similares (ou piores), procurando agora envolver outros nas mesmas situações de descrédito e infelicidade. Do ponto de vista ético falta-lhes generosidade para aceitar o Outro enquanto projecto livre e sempre em aberto; para si próprios justificam-se normalmente pensando que, se as suas vítimas não são culpadas do que para elas criou, participam pelo menos de uma rede de pessoas que são genericamente responsáveis pela sua própria infelicidade. É por isso que, como sublinha Mehl, "são as pessoas que têm uma existência feliz ou que ocupam na sociedade uma função mais destacada, as mais expostas a tornarem-se vítimas da calúnia" (Mehl, 1971:70).

Estamos, por isso, inteiramente de acordo com este filósofo quando considera a calúnia uma arma poderosíssima cujo processo profundo consiste em manipular o mistério da ambiguidade humana, fazer reverter a seu favor o temível poder da palavra e aniquilar o indivíduo, usando a vulnerabilidade que lhe é própria enquanto ser humano (como o atestam os suicídios que ela por vezes provoca). O facto de se servir do carácter paradoxal e ambíguo da condição humana, em vez de nele meditar com respeito e perplexidade, faz da calúnia um dos actos mais repulsivos, ofensivos e imorais que a humanidade conhece.

Bibliografia

- Adam, Michel (1968), *La Calomnie. Relation Humaine*, Paris, Le Centurion
Allport, G.W. e Postman, L. (1997), *The Psychology of Rumor*, New York, Holt

- Delumeau, J. (1978), *La Peur En Occident*, Paris, Pluriel
- Durandin, Guy (1957), *Les Rumeurs. Les Camps De Déportés. Le Problème Des Handicapés*, Paris, Centre de Documentation Universitaire
- Festinger, L. (1962), *A Theory of Cognitive Dissonance*, Stanford, Stanford University Press
- Flem, L. (1982), "Bouche Bavarde Et Oreille Curieuse", *Le Genre Humain*, n° 5, pp. 11-18
- Froissart, Pascal (2002), «La Rumeur», *Histoire Et Fantasmés*, Paris, Belin
- Gouchet, M. (1985), "Le Démon Du Soupçon", *L'Histoire*, n° 84, pp. 48-57
- Gritti, J. (1978), *Elle Court, Elle Court La Rumeur*, Ottawa, Stanké
- Kahnman, D., Slovic, P. e Tversky, A. (1982), *Judgement under Uncertainty: Heuristic and Biases*, Cambridge, Cambridge University Press
- Kapferer, Jean-Noel (1984), *Les Chemins De La Persuasion*, Paris, Dunod, [2eme].
- (1995), *Rumeurs - Le Plus Vieux Média Du Monde*, Paris, Ed. du Seuil, [2eme].
- Knapp, R. (1964), "A Psychology of Rumor", *Public Opinion Quarterly*, 8, n° 1, pp. 22-37
- Mehl, Roger (1971), *Les Attitudes Morales*, Paris, PUF
- Morin, Edgar (1969), *La Rumeur D'Orléans*, Paris, Éditions du Seuil, [2eme].
- Ploux, François (2003), *De Bouche À Oreille : Naissance Et Propagation Des Rumeurs Dans La France Du Xixe Siècle*, Paris, Aubier
- Reumaux, Françoise (1996), *La Veuve Noire*, Paris, Méridiens Klincksieck
- Rosnow, R.L. e Fine, G.A. (1976), *Rumor and Gossip: The Social Psychology of Hearsay*, New York, Elsevier, [2eme].
- Rouquette, M.L. (1975), *Les Rumeurs*, Paris, PUF
- Shibutani, T. (1966), *Improvised News: A Sociological Study of Rumor*, Indianapolis, Bobbs Merrill
- Volkoff, V. (1986), *La Désinformation*, Paris, Julliard
- Watzlawick, P. (1978), *La Réalité De La Réalité*, Paris, Editions du Seuil